

# CRIANÇAS EM PESQUISAS DE ADULTOS

## CHILDREN IN RESEARCH CONDUCTED BY ADULTS

Cristina Carvalho **1**  
Zena Eisenberg **2**

**Resumo:** O presente artigo busca trazer uma discussão sobre as concepções de infância de ontem e de hoje, o modo como essas mudanças permeiam a ética na pesquisa com crianças e discutir algumas modificações nas pesquisas realizadas com esse segmento. Para tanto, são apresentados os recursos metodológicos utilizados em algumas pesquisas realizadas com e sobre as crianças em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** ética na pesquisa; crianças; concepções de infância.

**Abstract:** This article seeks to bring a discussion about conceptions of childhood from yesteryear to today, the ways in which these changes affect ethics in research with children. It also aims to discuss some changes in research conducted with children this age. To that end, we present methods that were used in research carried out with children in different contexts.

**Keywords:** ethics in research; children; conceptions of childhood.

---

Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação-PUC-Rio. Diretora do Departamento de Educação da PUC-Rio. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GEPEMCI) e do Curso de Especialização em Educação Infantil (PUC-Rio). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nas seguintes áreas: educação não formal, museus, cultura, educação infantil, formação de professores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7155678774492000> ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5261-0474> E-mail: [cristinacarvalho@puc-rio.br](mailto:cristinacarvalho@puc-rio.br) **1**

-Doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano pelo Graduate Center - The City University of New York. Professora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação-PUC-Rio. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação (Grudhe) e do Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (NOAP). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Desenvolvimento do Pensamento e da Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: conceitos temporais, pensamento e linguagem, aquisição de linguagem, educação infantil e a infância digitalizada do século XXI e motivação e adaptação de estudantes universitários. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4966264375297426> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6480-8645> E-mail: [zwe@puc-rio.br](mailto:zwe@puc-rio.br) **2**

## Introdução

O campo de pesquisas com e sobre as crianças ainda apresenta inúmeros desafios, tanto na perspectiva metodológica como epistemológica. E não se pode negligenciar os aspectos éticos que envolvem as crianças nesse processo de investigação. Este artigo busca trazer uma discussão sobre as concepções de infância de ontem e de hoje, o modo como essas mudanças permeiam a ética na pesquisa com crianças e discutir algumas modificações nas pesquisas realizadas com esse segmento.

Entre os pesquisadores da área da infância, já há consenso de que é preciso buscar alternativas, metodologias e recursos diferenciados para que de fato as crianças se façam presentes no desenvolvimento de investigações que envolvem estes sujeitos.

Com relação aos estudos sobre as crianças, nas últimas décadas, no Brasil e em vários países, já é possível constatar um número expressivo de pesquisadores que vêm se dedicando a essa temática (KRAMER, NUNES & CARVALHO, 2014; CORSARO, 1992; SIROTA, 2001; EISENBERG et. al, 2016, 2017), tanto no que se refere aos fundamentos teóricos e às concepções de infância, quanto às políticas sociais, às propostas pedagógicas e às práticas.

A análise das diferentes e distintas perspectivas em relação à infância deve ser feita à luz das mudanças ocorridas nas formas de organização da sociedade que, certamente, influenciarão no modo de legislar a infância, nos direitos atribuídos às crianças, nas políticas a elas dirigidas e nos itinerários adotados para se investigar a infância.

Se temos uma concepção de infância pautada na visão da criança cidadã, sujeito histórico e cultural, construtora de conhecimentos na interação com o seu meio, isso nos leva a almejar (e mesmo exigir) que a produção de pesquisas com crianças contemplem as especificidades das diferentes idades, contextos, enfim, as subjetividades das crianças. Dentre os sociólogos, o debate se faz presente com relação ao conceito de infância, onde alguns defendem a infância como uma categoria plural - infâncias - igualmente construída e reconstruída para as e pelas crianças. Não é nossa intenção aprofundar a discussão, mas cabe esclarecer que, neste texto, adotamos o conceito de infância como uma categoria social.

De modo geral, as pesquisas na área da Educação sobre as crianças têm se debruçado sobre o espaço escolar – é a criança institucionalizada. Certamente é preciso valorizar a conquista do direito à Educação Infantil assegurado pela Constituição de 1988 e definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) como a primeira etapa da Educação Básica, cuja finalidade é o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade, englobando os aspectos físico, psicológico, intelectual e social. A natureza e função da Educação Infantil têm sido tema de debate na área, com acadêmicos da área da Educação (por exemplo, Sonia Kramer, Maria Fernanda Nunes) e da Psicologia do Desenvolvimento (por exemplo, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Zilma Ramos de Oliveira) enfatizando a importância de se delinear as especificidades da aprendizagem nesta etapa. A Coleção Proinfantil (BRASIL, 2005) traz os seguintes objetivos na formação de professores:

“1. Promover oportunidades para as crianças explorarem as suas falas e os diálogos que elas criam ao interagirem. 2. Entender a relação adulto-criança como fundamental na relação/construção da criança com o mundo que a cerca. 3. Compreender o papel das instituições de Educação Infantil como fundamental na relação/construção da criança com o mundo que a cerca.” (idem, p. 41)

Reiterando a importância de que sejam desenvolvidas investigações sobre as crianças inseridas nesse espaço institucionalizado, cabe ressaltar que as crianças não estão somente nesse espaço, elas estão no mundo, em diferentes lugares. Que lugares as crianças ocupam? Que práticas têm sido oferecidas para as crianças nos diferentes espaços? Os distintos espaços que hoje compõem as cidades são pensados para as crianças? Os recursos de que dispõe a sociedade e que as crianças têm acesso são contemplados pelas pesquisas? E, como já mencionado, é preciso que continue a se investigar o modo como nossas crianças têm sido atendidas nas instituições de Educação Infantil.

Iniciamos o texto abordando as principais preocupações da comunidade científica com a pesquisa com crianças; em seguida, apresentamos exemplos de pesquisas realizadas e suas opções metodológicas, para, enfim, discutir essa relação pesquisador-criança, questões éticas e o que é possível realizar dentro dos padrões rígidos da pesquisa científica.

## **Ética na pesquisa e na pesquisa com crianças**

Desde o Código de Nuremberg, em 1947, a comunidade científica vem se submetendo a princípios e regras de condutas éticas na realização de suas pesquisas. O Código postulava que pesquisas médicas deveriam ser realizadas com consentimento explícito e informado dos participantes e que eles não deveriam estar sujeitos a nenhum risco desnecessário. Depois desse movimento, a Declaração de Helsinki, de 1964, estipulava que, quando possível, também à criança participante deveria se pedir consentimento, além daquele já requerido aos responsáveis. No entanto, fazer pesquisa com ética a partir dessas simples regras não é tão simples ou objetivo assim. Harth e Thong (1990, apud SMYTH & WEINDLING, 1999) constataram que pais que recusaram a participação de sua criança em um estudo de tratamento medicamentoso da asma tinham maior nível educacional do que os que consentiram na participação. Assim, nível educacional (classe social) parece estar relacionado à compreensão do que significa o consentimento e da probabilidade de dá-lo. Os autores também relatam outros estudos médicos onde o nível de estresse dos pais influencia o quanto eles lembram dos objetivos do estudo, conforme explicitado pelos pesquisadores.

Refletindo também sobre questões éticas na pesquisa, Kramer (2019) ressalta o quanto o debate tem sido cada vez mais acirrado no cenário acadêmico, motivado por aspectos relativos à investigação na área médica e em decorrência dos interesses do ponto de vista religioso, político e econômico. Mas, conforme ressalta a autora, “de outro lado, emergem no debate interesses de organizações e instituições que, situadas em instâncias administrativas públicas ou privadas, têm (ou gostariam de ter) maior ou menor visibilidade e transparência no que se refere a suas práticas” (idem, p. 236).

Em momentos em que a ética em vários campos tem sido questionada, interrogada, discutida, reiterar a importância de se assumir a responsabilidade ética no processo de fazer pesquisa configura-se como aspecto fundamental, principalmente quando alguns sujeitos de pesquisa, como as crianças, estiveram historicamente excluídos desse processo de investigação – excluídos no sentido de escuta, pois há muito tempo as crianças já se apresentam como objeto a ser analisado, observado, descrito nas pesquisas científicas.

Garcez, Duarte e Eisenberg (2010) discutiram a questão da metodologia de pesquisa de videogravação com crianças, e sinalizaram que a identificação ou não das crianças configura-se como árduo aspecto ético, já que elas têm suas imagens gravadas (o que também se aplica para o uso de fotografia). O recurso do codinome, ou do uso de números e códigos para identificar os participantes, perde sentido quando imagens são capturadas. Assim, uma fonte importante de dados da pesquisa tem que ser excluída do domínio público por revelar a identidade de seus participantes. A solução apresentada pelas autoras é de fazer uma edição dos vídeos e entregar para os participantes para que eles possam ter uma ideia dos resultados do estudo. Para exibição pública, que seus rostos sejam desfocados.

Flewitt (2005) problematiza a questão dos códigos de ética em pesquisa com crianças se preocuparem mais com o que não fazer com elas do que com propostas positivas de metodologias a serem usadas. A autora propõe, ainda, que seja adotada uma postura reflexiva e flexível na interação com a criança se abrindo para aquilo que ela tem para oferecer. Ela traz como exemplo sua própria pesquisa, que incluía videogravação, e o cuidado que teve em permitir aos responsáveis e a si própria e perceber quaisquer sinais de desconforto na criança sendo filmada. Como fazia pesquisa com crianças pré-escolares, se esmerou em conhecê-las de forma gradativa, em lhes apresentar os equipamentos que seriam usados, em lhes dar a possibilidade de manusear os equipamentos em produzir seus próprios vídeos. Outro procedimento adotado foi de pedir para que os pais conversassem com sua criança a respeito da pesquisa de forma a garantir que ela se sentisse à vontade para manifestar sua vontade ou não de participar assim como trazer suas dúvidas. Por fim, a autora considerou mais apropriado pedir o consentimento da criança que fosse “provisório”, ao invés de “informado”. Para além do rótulo, seu argumento é de que não tem como a criança – ou o adulto – ficar totalmente informado da pesquisa, se nem o pesquisador tem total controle sobre a mesma. A autora entendeu este processo de aproximação não apenas como ético e respeitoso, mas, também, empoderador para os participantes.

Alderson (2005) discute a criança como pesquisadora e critica a forma como é concebida nas pesquisas científicas. Nas palavras da autora (idem, p. 423),

pois um dos maiores obstáculos, ao se fazer pesquisas com crianças, é infantilizá-las, percebê-las e tratá-las como imaturas e, com isso, produzir provas que apenas reforçam as ideias sobre sua incompetência. Isso pode incluir “falar com condescendência”, usar palavras e conceitos simples demais, restringi-las a dar apenas respostas superficiais, e envolver

apenas crianças inexperientes e não as que têm experiências relevantes intensas e poderiam dar respostas muito mais informadas.

A autora acredita, entre outras coisas, a literatura em sociologia da infância (JAMES & PROUT, 1997) para a mudança de perspectiva que vem acontecendo desde o final do século XX. A criança vai de objeto a sujeito e passa a ser protagonista e coautora de sua trajetória e de seu desenvolvimento. Procedimentos complicados e distantes da experiência da criança a distanciam ainda mais de um consentimento – ou assentimento – informado. A criança como co-pesquisadora pode ajudar na elaboração ou no ajuste da metodologia, sinalizando aquilo que “funciona” ou não, ou seja, aquilo que dialoga diretamente com crianças da sua idade/cultura.

Thomas e O’Kane (1998) confirmam a opção de pesquisa participante como forma de incluir e respeitar a criança no processo, além de assegurar a acuracidade dos dados. Já Powell e colaboradores (2012), em uma revisão internacional da literatura em ética na pesquisa que é realizada *com* crianças e jovens, e não *sobre* elas, sugerem que a reflexão crítica por parte do pesquisador a respeito de suas concepções de infância pode ajudá-lo a ter uma perspectiva mais lúcida sobre seus preconceitos e a forma como podem interferir na interpretação dos dados.

Barbosa (2014) problematiza a dificuldade de se fazer pesquisa com crianças devido a todas as restrições e regras impostas por comitês de ética. Seu argumento reverbera a noção de que a ética na pesquisa com crianças é resultado de um movimento de controle e extinção de práticas abusivas comuns nos séculos XIX e XX, vindas primordialmente da comunidade médica (mas também presentes nas pesquisas em psicologia e antropologia, além de outras áreas). Assim, a pesquisa na área de humanas sofre as consequências de um regulamento que, por vezes, extrapola o que é de bom senso.

No Brasil, a ética foi regulamentada pela Resolução 196 de 1996, depois pela Resolução 466 de 2012 e, mais recentemente, pela Resolução 510 de 2016, da Comissão Nacional de Ética na Pesquisa. Guerriero e Minayo (2019) veem a última versão como um avanço para ciência no Brasil. As autoras explicam que há seis mudanças da Resolução de 466 para a de 510 que valem ser destacadas. Dentre elas, selecionamos algumas para discutir aqui. A primeira mudança é a definição daquilo que não precisa passar por um Comitê de Ética, mesmo em alguns casos de alguma forma envolvendo seres humanos: pesquisas de opinião pública, pesquisa que utiliza informações de acesso ou domínio público, pesquisas censitárias, pesquisas com bancos de dados, revisão de literatura científica, pesquisa reflexiva ou atividade realizada com o intuito de melhorar o processo educativo (cursos, treinamentos, etc., sem caráter de pesquisa científica). A segunda mudança concerne o processo e registro do consentimento ou assentimento do

participante. Primeiramente, as pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais, não precisam usar a palavra “termo” para o consentimento ou assentimento esclarecidos; pode, outrossim, usar a palavra “registro”. Além disso, o registro pode vir de forma escrita, sonora, imagética ou outras que forem necessárias ou apropriadas para a pesquisa. Por fim, a terceira mudança que comentaremos é a avaliação científica a ser feita pelo comitê de ética. Esse não poderá fazer análises metodológicas ou teóricas do projeto, mas poderá somente se ater aos riscos e benefícios previstos como decorrência dos procedimentos previstos. Assim, a Resolução 510/2016 realiza a distinção já tardia entre pesquisas na área de saúde e aquelas nas áreas humanas e sociais.

A seguir, apresentaremos resultados e caminhos de algumas pesquisas realizadas nos últimos anos com e sobre as crianças em diferentes contextos, ora como pesquisadoras, ora como orientadoras, ora participando de bancas de defesa de mestrado ou doutorado, analisando distintos suportes a que as crianças têm acesso. As pesquisas foram selecionadas com o intuito de contemplar uma pluralidade de abordagens metodológicas ancoradas nas variadas perguntas de pesquisa. Para a elaboração deste artigo, buscamos em nossa trajetória acadêmica pesquisas que contemplassem essa diversidade metodológica.

## **Metodologias de pesquisa com criança – alguns estudos**

### **Estudos com observação de crianças**

A pesquisa de Santos (2017) buscou compreender a inclusão de bebês nos programas de educação em museus de arte. Cabe destacar que os bebês ainda se configuram como segmento pouco contemplado nas pesquisas. A investigação analisou sessões dos programas *Naïf para Nenéns*, do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, no Rio de Janeiro e *No Colo*, do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, ambos desenvolvidos ao longo de 2016.

Os recursos metodológicos utilizados pela autora foram: (i) entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelas propostas e com adultos acompanhantes dos bebês; (ii) observação das atividades; (iii) análise documental, (iv) fotografias. A opção pelo registro das atividades desenvolvidas com os bebês por meio da fotografia configura-se como aspecto a ser destacado no estudo. Recuperando a etimologia da palavra *fotografia* – escrita pela luz –, as imagens apresentadas na investigação permitem que o leitor entre em diálogo com o momento vivido pelos bebês (e pela pesquisadora) no decorrer das atividades oferecidas pelas instituições museais.

A pesquisa orientou-se pelos estudos do Desenvolvimento Infantil pautado por autores como Vigotski e Tomasello, e da Estética, como Vecchi. Com base na investigação e análise das práticas em questão, em diálogo com o referencial teórico adotado, a autora constatou que o contato com os artefatos, com as experiências coletivas e com as propostas de experimentação sensorial pode ser significativo para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos bebês e para sua inserção na cultura. A inclusão desse público pode oportunizar novas maneiras de estar e pensar os espaços expositivos, contribuindo para sua democratização e ampliação das possibilidades de mediação.

Lopes (2019) teve como objetivo conhecer a relação entre o público de Educação Infantil e os museus, buscando compreender quais são os aspectos que possibilitam e dificultam esse encontro. Ressalta que, historicamente, o conceito e o olhar sobre a infância foram se modificando e influenciando diretamente as políticas públicas voltadas ao atendimento das

peculiaridades apresentadas nessa etapa da vida. Para a autora, perceber as crianças enquanto cidadãos, sujeitos sociais e históricos, produtores de cultura, é condição para que se atue no sentido de favorecer seu crescimento e constituição.

Para o desenvolvimento da investigação, foi priorizada uma investigação qualitativa, com realização de pesquisa de campo em museus de tipologias distintas, localizados na cidade do Rio de Janeiro. Questionário *online*, observação, entrevista e análise documental foram utilizados como ferramentas metodológicas para a realização do estudo.

No que diz respeito aos desafios nas pesquisas sobre as crianças, a opção pela observação das visitas realizadas nos espaços museais possibilitou que a autora capturasse falas e interações das crianças no decorrer na atividade.

A pesquisa realizada por Resinentti (2017) teve como objetivo discutir o padrão de acesso das crianças matriculadas na rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro aos equipamentos culturais parceiros da prefeitura no Projeto Escola e Museu.

Conforme destaca a autora, em geral, a promoção cultural se dá por meio do diálogo das escolas com instituições diretamente ligadas à cultura como museus, centros culturais, bibliotecas, teatros e planetários. Entretanto, em tempos de responsabilização docente baseada em índices construídos a partir dos resultados das avaliações em larga escala, questiona: será que há possibilidades para a formação cultural em espaços de educação não formal?

O referido objetivo se desdobra em questões que orientaram a investigação: Como as escolas se apropriam dos equipamentos culturais, especialmente dos museus parceiros da SME/RJ? A escola valoriza o diálogo com os espaços de educação não formal? Quais experiências as crianças da rede estão vivenciando nos equipamentos culturais? Para a realização do estudo, foram adotadas as seguintes estratégias metodológicas: i) observação das atividades realizadas com as crianças do ensino fundamental em sete museus e centros culturais parceiros da Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ) no Projeto Escola e Museu; ii) realização de entrevistas com a coordenadora do Projeto Escola e Museu e com os docentes participantes; iii) análise documental do projeto, através de textos secundários.

Embora a pesquisa apresentada não se destine ao segmento da Educação Infantil, foi aqui elencada exatamente por uma das conclusões a que chegou a autora no desenvolvimento da investigação: na rede pública educacional do município do Rio de Janeiro não há projetos que contemplem as crianças inseridas na Educação Infantil. Cabe ressaltar que a observação das visitas escolares também foi um dos recursos utilizados por Resinentti (2019), possibilitando igualmente capturar falas e interações das crianças no transcorrer na atividade.

Em investigação sobre um tipo específico de atendimento que tem sido oferecido a algumas crianças, Domingues (2019) buscou conhecer os coletivos parentais ou creches parentais, uma nova maneira de educar as crianças de 0 a 3 anos que vem ampliando seus adeptos na cidade do Rio de Janeiro.

A autora destaca que, mesmo que a escola continue a ser vista como lócus privilegiado para a construção de saberes, já se reconhece que não é o único lugar para tal finalidade. No Brasil, algumas famílias têm se inspirado no modelo de coletivos parentais oriundo da França para pensar a educação de seus filhos, experiência que vem se formando no país há aproximadamente cinco anos.

Os coletivos parentais são geridos pelas famílias e educadores para propor atividades enriquecedoras para a faixa etária, sem o afastamento das famílias. A investigação realizada por Domingues (2019) pretendeu então aprofundar os estudos sobre os coletivos parentais na cidade do Rio de Janeiro na tentativa de compreender a proposta, atores envolvidos, seus modos de funcionamento e práticas pedagógicas desenvolvidas.

Os recursos metodológicos utilizados foram: (i) aplicação de questionário *online* para famílias e educadores de coletivos parentais da cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de mapear e delinear os coletivos parentais existentes; (ii) observação das atividades desenvolvidas em coletivos parentais; (iii) entrevistas semiestruturadas com famílias e educadoras envolvidas nessa experiência.

A pesquisa permitiu identificar que a insatisfação com as propostas pedagógicas das creches institucionalizadas e o desejo dos pais de participar ativamente da infância de seus filhos

aparecem entre as motivações principais para a opção pelos coletivos parentais. Na análise dos dados, Domingues (2019) identificou que os coletivos parentais são formados majoritariamente por famílias de classe média alta, residentes na zona sul da cidade, e possuem educadoras contratadas atuando junto aos familiares. Foi também possível constatar que o livre brincar é valorizado e ganha força nas propostas pedagógicas dos coletivos parentais.

Melo (2017) se debruçou sobre uma região e um público infantil pouco (ou quase nada) contemplados nas pesquisas que envolvem a infância: crianças que estudam nas denominadas “Escola das Águas”, localizadas no Pantanal sul-mato-grossense, no município de Corumbá, assim chamadas por estarem situadas em regiões de difícil acesso e sofrerem a influência do ciclo das águas do pantanal, período marcado pela cheia dos rios, de dezembro a junho e a vazante dos mesmos, nos meses restantes. Devido às cheias dos rios existe um calendário escolar próprio, flexível, construído para atender as demandas climáticas.

A pesquisa teve o propósito de analisar a cultura lúdica das crianças de uma dessas escolas, e sua relação com a experiência escolar tendo como questões norteadoras: como é constituída a cultura lúdica de crianças das águas? Do que brincam e como brincam crianças pantaneiras, isoladas, temporariamente do meio urbano? Como aprendem os jogos e brincadeiras que realizam? Têm acesso a mídias? Como expressam sua cultura lúdica e sua aprendizagem do brincar no ambiente escolar? Como relacionam cultura lúdica e cultura escolar no período em que residem na escola?

Para o desenvolvimento da pesquisa, em decorrência das dificuldades de deslocamento, o autor “hospedou-se” na escola durante quinze dias e foram realizadas observações, entrevistas, e análise dos desenhos produzidos pelas crianças sobre jogos e brincadeiras e fotografias de jogos e brincadeiras realizados pelas crianças na escola investigada. Embora o tempo de permanência na escola possa parecer reduzido, como o próprio pesquisador ressalta, foi rico em interação com as crianças e funcionários da fazenda, e devido às condições climáticas encontradas (o calor e principalmente o frio) foi possível observar as crianças brincando tanto na área externa, quanto na área interna da escola, no espaço que lhes é permitido brincar.

Participaram do estudo 31 crianças, 04 professores e 02 monitores. Os dados foram analisados e categorizados em cinco eixos temáticos: 1. Tipologia do jogo/brincadeira empregado; 2. Preferência lúdica das crianças 3. Meios de transmissão da cultura lúdica; 4. Presença de mídias na cultura lúdica; e 5. Cultura lúdica e cultura escolar. A pesquisa apontou que a cultura escolar é um elemento limitador da cultura lúdica das crianças, principalmente no que diz respeito a brincadeiras feitas na natureza. A cultura pantaneira é quase inexistente nas atividades lúdicas desenvolvidas pelas crianças.

Melo (2017) destaca que buscou sempre olhar para o todo sem esquecer as peculiaridades do espaço investigado, o entorno da escola, a distância das fazendas (moradias das crianças), o acesso durante a cheia, entre outros aspectos. Ressalta também que foi possível perceber que “a relação professor-aluno é simbiótica, o professor além de mestre, assume outros papéis, é psicólogo, atende tanto as crianças quanto os funcionários da fazenda, muitas vezes assume as obrigações de um pai ou uma mãe” (p. 120). Ou seja, a imersão realizada pelo autor permitiu que ele tivesse um olhar sensível para as questões que perpassavam não apenas ao seu recorte de pesquisa, mas ao contexto e realidade do espaço investigado.

Aguiar (2018) desenvolveu sua pesquisa partindo do pressuposto que os Museus e Centros de Ciência são lugares de cultura, lazer e aprendizagem e que neles as crianças têm a possibilidade de ampliar seus conhecimentos, brincar e se divertir. Considera também que esses espaços vêm a cada dia ampliando e pensando em exposições e atividades lúdicas e interativas para o público infantil e que, portanto, é importante pensar como as crianças interagem, se interessam pelos diversos temas a elas apresentados.

Para o desenvolvimento do estudo, observou e analisou o engajamento entre as crianças durante a atividade “Ver de Perto”, realizada no Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O corpus da pesquisa foi formado por crianças de 6 e 7 sete anos, de escolas da Rede Pública Municipal de Educação do município, do entorno da Fiocruz. Fez uso de fotografias e de gravação de áudio e vídeo, enquanto recursos metodológicos, e os dados foram analisados com o auxílio do software Dedoose. As transcrições de

trechos de diálogos das crianças e o uso de fotografias das crianças ao longo da visita igualmente possibilitam que o leitor faça outras leituras do estudo desenvolvido.

A análise dos registros pautou-se na perspectiva da “ação mediada”, que tem sua matriz na teoria sociocultural de Vigotski. Na apreciação dos dados, com o olhar atento, a autora identificou o engajamento nas reações, nas expressões, gestos, falas, na utilização de materiais (jaleco, folder, lápis, lupa), na interação com os mediadores e com o ambiente, e na participação das crianças na atividade. Ressalta que a atividade possibilita diversos tipos de trocas e diferentes tipos de interações, que levam a um maior ou menor grau de engajamento entre as crianças, e que a ação da mediação é estratégica para estimular – ou desestimular – um maior engajamento entre as crianças.

Aguiar (2018) destaca que a atividade analisada tem uma proposta educativa clara e objetiva, que segue um roteiro, e apresenta uma estratégia metodológica específica. Considera então que esta atividade, tal como foi elaborada, não possibilita a interação de “livre escolha” das crianças, ou seja, em todas as etapas as crianças são orientadas e conduzidas pelos mediadores. Sinaliza que, portanto, seria interessante que a atividade pudesse proporcionar este tipo de dinâmica, no qual o visitante tem a liberdade de escolha e interação com a atividade, bem como pensar nesta atividade seguindo o modelo de “livre escolha” também para o público infantil. A autora destaca que certamente a interação por “livre escolha” não exclui a atuação do mediador, contudo permite ao visitante experimentar, vivenciar de acordo com a sua intenção e sua vontade.

### **Estudos com registros audiovisuais de crianças**

A pesquisa de Santos (2017) e Aguiar (2018) citadas acima incluíram em sua metodologia, além da observação, registros audiovisuais. Além desses estudos, outros serão explicitados aqui.

Bibian (2017) reuniu um grupo de crianças e professoras da Educação Infantil e, efetivamente, propôs o encontro de professoras e crianças com as obras de arte do Museu Nacional de Belas Artes/RJ por meio de uma visita por ela patrocinada. Concebendo o encontro como tempo de fruição, formação, ampliação do repertório visual, construção de conhecimento, além da simples produção de dados, a autora buscou criar espaços de narrativas utilizando-se dos seguintes recursos metodológicos: registros filmicos e fotográficos, áudio-gravação e anotações em diário de campo durante a visita das crianças.

Do material narrativo reunido, foram tomados para análise os seguintes aspectos: a relação das crianças e professoras com o espaço do museu; a identificação das obras que mais chamaram sua atenção, relacionando-as com outros conteúdos e histórias; questões sobre mediação nos museus e também sobre a formação do professor; o tempo como fator importante para a experiência; a presença e a recepção da nudez na arte.

As fotografias das crianças contemplando e explorando o espaço do Museu, bem como a transcrição de trechos das falas das crianças durante a visita, configuram-se como aspectos a ser ressaltados no estudo desenvolvido, pois possibilitam que o leitor entre em diálogo com a experiência deste grupo durante a visita: é a escrita pela luz através da fotografia e as falas das crianças sendo valorizadas.

Lage (2018) teve como objetivo compreender aspectos do processo formativo de oito professores de Educação Infantil que buscam desenvolver práticas pedagógicas em coerência com concepções de crianças enquanto sujeitos de direitos, social e historicamente situados, competentes em suas formas múltiplas de interagir e produzir cultura. Lança como questão norteadora, o quê, em suas trajetórias formativas, vem favorecendo a aproximação entre a docência e as especificidades das crianças?

As estratégias metodológicas utilizadas para o desenvolvimento do estudo foram: análise de relatórios de avaliação das crianças e entrevistas, por meio de registro audiovisual, com os professores. A autora destaca que relatórios são instrumentos de avaliação considerados documentação pedagógica, e questiona: como o olhar docente se constitui ao documentar o percurso de desenvolvimento e aprendizagem das crianças? O que os professores comparti-

lham nesses documentos sobre suas percepções das crianças?

Analisando o documento como monumento, conforme sugere Jaques Le Goff, o estudo sinaliza o quanto os relatórios ora monumentalizam as culturas escolares, ora as culturas infantis, apontando para a coexistência tensionada de ambas perspectivas nas instituições de Educação Infantil. Para Lage (2018), as análises revelam que as premissas institucionais e as condições de trabalho interferem de maneira relevante na produção dos relatórios. Já as “narrativas docentes” que emergiram das entrevistas referem-se à formação de maneira ampla, envolvendo experiências diversificadas: pessoais e profissionais.

Na perspectiva da autora, as dimensões pessoal, relacional e experiencial da docência e dos saberes docentes sobressaem como aspectos fundamentais da formação de determinada profissionalidade sensível à infância, que não se encerra em conhecimentos acadêmico-científicos e demanda, também, processos formativos que mobilizam a pessoa integralmente, nutrem e sensibilizam as linguagens da infância, apontando para a essencialidade das experiências estéticas na formação desses professores de Educação Infantil.

Pereira (2018) buscou refletir sobre os estudos contemporâneos da infância, tendo como recorte central a pesquisa com bebês. Conceitualmente, o estudo assume como bebês o desenho estabelecido nas legislações e na área acadêmica que envolve a primeira infância, ou seja, do nascimento até os 36 meses.

A investigação situou-se na interface das vivências dos bebês e suas enunciações possibilitadas pelas atividades cênicas, assumida e denominada no estudo como teatro com bebês. Para o autor, o teatro com bebês se constituiu na oferta de um ambiente pensado para recebê-los, criando uma situação social em que se permitiu potencializar suas atividades criadoras. Destaca o quanto essa ambientação cênica favoreceu um meio em que as crianças, no contato com essa estética, protagonizassem suas ações, principalmente através da brincadeira e dos processos de imitação, de reelaboração criadora, gestando uma presença irrepetível nos acontecimentos que forjam a vida cotidiana.

Metodologicamente, Pereira (2018) fez a opção por criar seis apresentações que favorecessem acontecimentos com bebês, e todas as apresentações foram filmadas e fotografadas, como forma de registro de campo, resguardando-se dos procedimentos éticos envolvendo pesquisas com seres humanos.

A investigação apoiou-se na teoria histórico-cultural, nos estudos bakhtinianos e nas teorias do teatro, vinculando-os às reflexões teóricas a partir dos estudos da infância. O autor ressalta o quanto a oferta no ambiente de educação infantil de teatro com bebês configura-se como um convite para a participação dos bebês de forma que ali possam produzir os arranjos para possibilitar suas enunciações, suas vivências e seus protagonismos.

Vale destacar que o pesquisador participou efetivamente de todas as etapas da investigação, pois foi também quem criou os cenários e a narrativa, além de executar as apresentações. Nas considerações finais, Pereira (2018) ressalta que, no desenvolvimento das apresentações, a relação é de tempo /espaço (cronotopia), memória, diálogo e escuta através da atividade estética, pois permite o fluir da vida, das sensações, dos medos, das alegrias, das angústias, do querer, do não querer, do relacionar-se com os objetos, com os outros, tendo um espaço que permita um tempo alargado para a experiência com os objetos.

Castro (2015) teve como objetivo conhecer o que as crianças falam e fazem dos/nos espaços de uma instituição de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em uma creche pública de um município da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense).

O primeiro movimento da pesquisa foi observar o cotidiano de uma turma com crianças de quatro anos de idade com o intuito de investigar como elas crianças, os adultos e juntos usam e se apropriam dos espaços. O segundo movimento foi convidar as crianças a contar como elas olham, usam e se apropriam dos espaços. Por meio do instrumento metodológico fotográfico, a pesquisa buscou dialogar com as crianças com o objetivo de conhecer o que seus olhares e perspectivas narram sobre o que veem e registram dos espaços por elas frequentados e vividos cotidianamente.

A análise das fotografias dos espaços da creche tiradas pelas crianças da turma pesquisada é apresentada com competência por Castro (2015), procurando, a partir das falas das

crianças, indicar caminhos que permitam pensar sobre a qualidade dos espaços, práticas e interações na Educação Infantil. Os registros fotográficos realizados pelas crianças, assim como trechos dos diálogos da pesquisadora com as crianças, igualmente merecem destaque no estudo realizado.

### Estudos com entrevistas e conversas com crianças

Dentre os estudos já citados, os de Melo (2017) e Castro (2015) incluíram também como metodologia o uso de entrevistas, ou conversas, com as crianças.

Além desses, Martins (2018) investigou a presença das tecnologias de informação e comunicação (TIC), em especial o *smartphone*, em famílias com crianças pequenas. Ressalta o quanto vários estudos têm demonstrado que já em seu primeiro ano de vida crianças já são usuárias de mídias digitais, mas são poucos os estudos que investigam os usos que meninos e meninas fazem desses dispositivos no âmbito doméstico, como os pais fazem a mediação dessa interação e qual é a influência da tecnologia móvel nas relações familiares.

Buscando responder aos questionamentos acima apontados, a autora realizou uma pesquisa qualitativa exploratória, com 10 famílias de classes sociais diferentes, com crianças de 3 a 6 anos, moradoras da região metropolitana do Rio de Janeiro. Foi feita uma visita a cada família, com duração média de 3 horas, na qual foram realizadas entrevistas abertas com os pais, observação participante, e conversas e interações com as crianças pequenas com o auxílio de cartões de imagens. As crianças também foram estimuladas a fazer fotos dos ambientes dos brinquedos preferidos, com o *smartphone* da pesquisadora.

Ao todo participaram da pesquisa 17 adultos e 14 crianças, o que gerou uma produção de 161 fotografias, 37 minutos de vídeos, cerca de 5 horas de entrevistas com os pais e pouco mais de 3 horas de registro em áudio da interação com as crianças. A análise dos dados indicou uma ubiquidade da tecnologia móvel no dia a dia de pais e filhos, com o uso frequente e diário do dispositivo. A autora destaca que o *smartphone*, em especial, está tão presente no cotidiano familiar que seu uso atravessa todas as outras atividades realizadas em casa, mediando, inclusive, as relações entre pais e filhos.

Lyra (2014) realizou um estudo de observação e entrevistas com quatro professoras e suas crianças em turmas de alfabetização no município de Duque de Caxias. As turmas foram selecionadas pela Secretaria Municipal, tendo como critério indicar professoras consideradas referência em alfabetização. As observações em sala de aula foram quinzenais e as crianças foram entrevistadas de forma coletiva em grupos de quatro. O processo de chegar ao grupo de quatro crianças envolveu tentativas piloto com número menor ou maior de crianças. A pesquisadora percebeu que com seis crianças havia muita dispersão e confusão, dificultando a compreensão e futura transcrição da audiogravação. Em grupos de 2 ou 3, as crianças ficaram muito tímidas e hesitavam em participar da conversa. O grupo de quatro foi o que mais possibilitou diálogo de forma inteligível. Essas são escolhas teórico-metodológicas que permeiam pesquisas que buscam, ao mesmo tempo, um comportamento ético e uma otimização de recursos, tempo e qualidade dos dados produzidos.

O intuito de Scramington (2017) foi conhecer o que falam crianças de seis a dez anos da experiência de ser criança no mundo contemporâneo e de como se dão as relações entre elas e os adultos. O referido objetivo se desdobra em questões que orientam a investigação: o que as crianças falam sobre ser criança? Como revelam em seus discursos e brincadeiras a compreensão que têm de si, dos outros e do mundo social? O que as crianças falam da relação delas com os adultos, jovens, idosos? Que temas, conversas e perguntas as crianças trazem? As crianças falam da escola, dos professores? O que as crianças falam sobre a realização de pesquisas com elas? Que assuntos consideram importantes como temas de pesquisa?

A escuta das crianças aconteceu em dois campos empíricos: dentro e fora da escola. Dentro da escola, o diálogo se deu com crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental em uma instituição da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Fora da escola, o encontro com as crianças ocorreu em uma instituição não governamental sem fins lucrativos, empenhada na formação e na produção artística cultural.

O estudo teve como estratégias metodológicas a observação e a realização de entrevistas coletivas. A investigação aborda as contribuições dos Estudos da Infância como campo interdisciplinar de conhecimento, que fornece elementos para pensar a infância e a criança no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. A pesquisa problematiza as condições que a contemporaneidade tem oferecido para as relações entre adultos e crianças. A atualidade desta reflexão, que indica a contemporaneidade como tema de análise, traz para o debate as contribuições da antropologia filosófica de Martin Buber e de Walter Benjamin, interlocutores teórico-metodológicos do estudo desenvolvido. A autora discute a concepção de infância fundamentada na obra de Benjamin.

As análises apresentadas por Scramingnon (2017) destacam: (i) a categoria ser criança, considerando o que dizem e percebem desta condição e os significados de ser criança para elas; (ii) as crianças como depoentes privilegiados de sua condição, nos dão pistas sobre o mundo que construímos para elas e sobre as relações estabelecidas entre elas e os adultos; (iii) temas, conversas e indagações trazidas pelas crianças. Na escuta das crianças, o estudo enfatiza a necessidade de pensar a criança como semelhante ao adulto na sua humanidade, valorizando-a, em busca de estabelecer com ela uma relação de alteridade. A autora destaca que, no mundo contemporâneo, o olhar da criança como outro olhar é precioso para a história do homem.

### **Considerações Finais**

Como foi possível constatar, as metodologias de pesquisa mais comumente empregadas nos estudos aqui apresentados são observação, fotografias e vídeos e, com menor frequência, entrevistas com as crianças. Dentre os 13 estudos apresentados, 6 incluíram entrevistas ou questionários com adultos – sejam eles pais, responsáveis ou professores.

Trechos de observação de situações vividas pelas crianças, em diferentes contextos, destacados por pesquisadores na apresentação dos resultados dos estudos, certamente proporcionam que o leitor entre em diálogo com momentos ocorridos ao longo da investigação e presenciados pelo pesquisador. Contudo, cabe ressaltar que há sempre o recorte tanto do que foi observado quanto do que se apresenta.

O uso de fotografia e vídeo enquanto recursos metodológicos nas pesquisas com e sobre as crianças igualmente possibilitam ao leitor esse diálogo ampliado (ou mesmo um outro diálogo) com as situações e momentos investigados e, da mesma forma, é necessário reconhecer que escolhas e recortes são realizados pelo pesquisador.

Por outro lado, sendo um público protegido na realização de pesquisas, as crianças estão sujeitas ao olhar e à interpretação do adulto. Apesar de haver pesquisas que ouvem as crianças, é comum identificarmos aquelas em que elas são observadas, filmadas ou fotografadas, como constatado ao longo deste texto. Nos exemplos de pesquisa relatados, poucas incluem em sua metodologia uma conversa ou entrevista diretamente com as crianças. Geralmente, é dos adultos este lugar de fala. É fato que a entrevista direta com criança tem se revelado, de modo geral, como estratégia inadequada, pois estabelece conforme sinalizado por Rocha (2008, p. 45-46):

...estabelece um constrangimento de várias ordens sociais: geracionais, de gênero, de classe social, étnicos ou raciais – além de impingir à criança algo que é produto de um mero interesse de investigação e da dificuldade que o adulto tem de abandonar, de fato, uma perspectiva de manter relações hierárquicas de poder, em que ele decide de forma unilateral o que é legítimo para as crianças.

Mas é necessário trazer a fala das crianças e o desafio, portanto, é buscar estratégias de comunicação que permitam relações de troca e de compartilhamento para a compreensão de pontos de vista distintos, igualmente concordando com as reflexões da autora.

É interessante notar que, mesmo a concepção de criança da comunidade científica, e da

sociedade como um todo, ter mudado muito no último século, nossas pesquisas ainda buscam garantir uma “voz confiável” ou uma “perspectiva de alguém responsável”, talvez porque ainda tenhamos dificuldade em pensar nas crianças como sujeitos autônomos, racionais e capazes de se expressar de forma inteligível. Assim, julgamos que nossa observação será mais rica em dados produzidos de forma alheia a elas do que em nossa interação com elas. E, é fato, que muitos adultos não sabem lidar ou o que fazer com as crianças, não só em situações de pesquisa, mas em inúmeros contextos que envolvem as crianças. Investigando as visitas escolares a espaços culturais, Carvalho (2016) destaca a fala de um dos mediadores no atendimento aos grupos da educação infantil: “eu não sei o que fazer com as crianças pequenas. Não gosto mesmo. Acho que fica escrito na minha testa” (p. 68).

A dificuldade em lidar com as crianças é recorrente e apontada em vários estudos. Conversar com as crianças é certamente um desafio pois elas são o próprio desafio e, nessa relação, nos provocam a cada momento. E, analisando pesquisas com crianças, é possível constatar que quanto menores elas são, mais escassos são os estudos que se propõe a conversar, trocar, ouvir e, principalmente, buscar estratégias metodológicas que valorizem e tragam efetivamente a fala e os significados que as crianças produzem sobre suas experiências, sobre suas vidas. Sem deixar, obviamente, de assumir a responsabilidade ética no processo de fazer pesquisa, abordada ao longo deste texto.

## Referências

AGUIAR, S. S. de. **Ver de Perto: a contribuição de uma atividade lúdica e interativa do Museu da Vida para despertar o interesse de crianças pela ciência**. 2018. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

ALDERSON, P. Design in ethical research with children. In: FARREL, A (ed.) **Exploring ethical research with children**. Buckingham: Open University Press, p. 27-36, 2005.

\_\_\_\_\_. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, 2005.

BARBOSA, M. C. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun.2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 25 nov. 2019.

BIBIAN, S. **Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX**. 2017, 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói RJ. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. PROINFANTIL: **Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil**: Unidade 4, Módulo 2, 2005. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2005. (Coleção Proinfantil).

CARVALHO, C. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

CASTRO, L. **Espaços, práticas e interações na Educação Infantil: o que dizem as crianças**. 2015. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2015.

CORSARO, W. Interpretive Reproduction in Children’s Peer Culture. **Social Psychology Quarterly**. 55: p. 160–77, 1992.

EISENBERG, Z. et al. O tempo na creche. In: VASCONCELLOS, Vera & EISENBERG, Z. **As muitas faces de uma creche: pesquisas acadêmicas na educação infantil**. Curitiba: CRV, p. 105-128, 2016.

EISENBERG, Z. et al. (orgs.). **Temas em desenvolvimento humano e educação**. Curitiba: CRV, 2017.

FLEWITT, R. Conducting research with young children: some ethical considerations, **Early Child Development and Care**, 175:6, 553-565, DOI: 10.1080/03004430500131338, 2005.

GARCEZ, A., DUARTE, R. & EISENBERG, Z. Produção e análise de vídeo-gravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, 37(2), p. 249-261, 2011.

GUERRIERO, I. C. Z.; MINAYO, M. C.. A aprovação da Resolução CNS nº 510/2016 é um avanço para a ciência brasileira. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 299-310, Dec. 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902019000400299&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000400299&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 Dec. 2019. Epub Dec 09, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902019190232>.

JAMES, A. & PROUT, A.. **Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. 2nd edition. Basin-gstoke: Falmer Press, 1997.

KRAMER, S. **Des/acertos, silêncios e conflitos éticos: o que você faz com os resultados da sua pesquisa?** In: KRAMER, Sonia et al. **Ética: pesquisas e práticas com crianças na educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2019.

KRAMER, S., NUNES, M. F. & CARVALHO, C.. (orgs.). **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. Campinas/SP. Papyrus, 2014.

LAGE, L. L. L.. **Fios que conectam docência e Infância: o papel da experiência estética**. 2018. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

LOPES, T. B. **Outras formas de conhecer o mundo: Educação Infantil em Museus de Arte, Ciência e História**. 2019. 221f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

LYRA, J. T. de. **“Eu nunca acho que sei o suficiente”. Quem são e o que fazem as professoras-referência?** Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

MARTINS, J. S. M. **Adultos, smartphones e crianças pequenas: um estudo sobre famílias midiáticas**. 2018. 173f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

MELO, R. Z. de. **Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma Escola das Águas**. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA, L. M. **Teatro com bebês, enunciações e vivências. Encontros da arte com a vida**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

POWELL, M. A., FITZGERALD, R., TAYLOR, N., & GRHAM, A. **International Literature Review: Ethical Issues in Undertaking Research with Children and Young People** (Literature review for

the Child watch International Research Network). Lismore: Southern Cross University, Centre for Children and Young People / Dunedin: University of Otago, Centre for Research on Children and Families, March, 2012.

RESINENTTI, P. M.. **Dimensões da qualidade educacional na rede municipal do Rio de Janeiro: entre as formações acadêmica e cultural - o Projeto Escola e Museu**. 2017. 224f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, M. E. T.. **Bebês no Museu: Processos, Relações e Descobertas**. 2017. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

SCRAMINGNON, G. B. da S. **Ser criança, ser adulto, ser professor: encontros, diálogos e desvios com crianças de seis a dez anos**. 2017. 167f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa, no.112**, mar. p. 7-31, 2001.

SMYTH, R.L. & WEINDLING, A.M. Research in children: ethical and scientific aspects. **The Lancet. Paediatrics**. Sep; Vol 354, p. 21-24, 1999.

THOMAS, N. & O’KANE, C. The Ethics of Participatory Research with Children. **Children & Society**. 12. 336 - 348. 10.1111/j.1099-0860.1998.tb00090.x, 1998.

Recebido em 16 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.